



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

JAKELINE ANCELMO MIRANDA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO FISIOTERAPEUTA NO TRATAMENTO DO PORTADOR DO
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

JAKELINE ANCELMO MIRANDA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO FISIOTERAPEUTA NO TRATAMENTO DO PORTADOR DO
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Saúde Mental.

Área de concentração: Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Orientadora: Profa. Dra. Carla de Sant'Ana Brandão Costa.

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Jakeline Ancelmo Miranda.
A importância do fisioterapeuta no tratamento do portador do Transtorno do Espectro Autista [manuscrito] / Jakeline Ancelmo Miranda Silva. - 2020.
15 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Carla de Sant'Ana Brandão Costa , Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Fisioterapia. 3. Reabilitação. 4. Inclusão social. I. Título
21. ed. CDD 362.2

JAKELINE ANCELMO MIRANDA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO FISIOTERAPEUTA NO TRATAMENTO DO PORTADOR DO
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Saúde Mental.

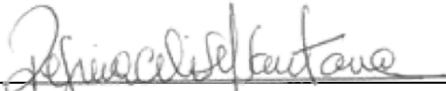
Área de concentração: Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Aprovada em: 06/11/2020.

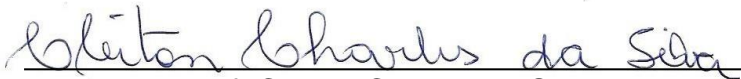
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Carla de Sant'Ana Brandão Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Regina Celi Sales Nóbrega Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (Membro Interno)



Prof. Cleiton Charles da Silva
Fisioterapeuta sanitaria (Membro Externo)

Aos meus filhos, meu esposo e familiares,
pela compreensão, dedicação e apoio,
DEDICO.

“As crianças com autismo convivem com déficits que comprometem a interação social, comunicação e flexibilidade no raciocínio. Assim, a figura do fisioterapeuta é necessária na intervenção precoce, consagrando a plasticidade cerebral, e interferindo positivamente no desenvolvimento e melhora da qualidade de vida, permitindo ao indivíduo com autismo obter uma integração social mais adequada” (FERREIRA *et al.*, 2016).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	8
2.1	Autismo e a Reabilitação.....	8
2.2	Inclusão Social do Autista: possibilidades a partir da intervenção multidisciplinar.....	9
2.3	Contribuição do Fisioterapeuta para o tratamento do portador de Transtorno do Espectro Autista.....	11
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
	REFERÊNCIAS.....	13

A IMPORTÂNCIA DO FISIOTERAPEUTA NO TRATAMENTO DO PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

THE IMPORTANCE OF PHYSIOTHERAPIST IN THE TREATMENT OF THE BEARER OF AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

Jakeline Ancelmo Miranda Silva*

RESUMO

O presente artigo aborda sobre a contribuição do exercício profissional do fisioterapeuta no tratamento do paciente com transtorno do espectro autista. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de natureza qualitativa fomentada por levantamento em livros, revistas e artigos científicos a fim de cumprir com os objetivos de discutir a importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista, refletir sobre a contribuição do profissional de fisioterapia para este tratamento e conhecer as técnicas e atividades desenvolvidas pelo fisioterapeuta para favorecer o desenvolvimento físico e intelectual de pessoas com TEA. O estudo permitiu evidenciar a importância do estabelecimento de um bom vínculo e comunicação do profissional com a criança com TEA; do diagnóstico precoce e trabalho multiprofissional com intervenção por meio da fisioterapia; na fisioterapia haver a oferta de instrumentos que estimulem o desenvolvimento de novos movimentos e habilidades na criança, sem a presença de estereotípias; e o papel do fisioterapeuta na reabilitação, facilitando a comunicação corporal, integração e a inclusão social da criança com TEA.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro Autista. Fisioterapia. Reabilitação. Inclusão social.

ABSTRACT

This article discusses the contribution of the physical therapist's professional practice in the treatment of patients with autism spectrum disorder. To this end, a qualitative bibliographic research was carried out, promoted by surveying books, magazines and scientific articles in order to meet the objectives of discussing the importance of early diagnosis of autism spectrum disorder, reflecting on the contribution of the physiotherapy professional for this treatment and to know the techniques and activities developed by the physiotherapist to favor the physical and intellectual development of people with ASD. The study showed the importance of establishing a good bond and communication between the professional and the child with ASD; early diagnosis and multidisciplinary work with intervention through physiotherapy; in physiotherapy there is the offer of instruments that stimulate the development of new movements and skills in the child, without the presence of stereotypes; and the role of the physiotherapist in rehabilitation, facilitating body communication, integration and social inclusion of children with ASD.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. Physiotherapy. Rehabilitation. Social inclusion.

* Aluna do curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: kellymirandapb@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a contribuição do exercício profissional do fisioterapeuta no tratamento do paciente com transtorno do espectro autista (TEA). A motivação para a pesquisa se deve a necessidade de apresentar a fisioterapia como intervenção relevante no tratamento e acompanhamento de crianças autistas, junto com uma equipe multiprofissional, a fim de possibilitar mudanças no desempenho e melhora significativa do autista precocemente e contribuir na adaptação e inclusão deste no meio familiar e na sociedade.

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento que atinge os principais aspectos relacionais do indivíduo, podendo ser reconhecido pela seguinte tríade de comprometimento: comunicação, interação social e atividades restrito-repetitivas. Esta tríade é essencial ao ser humano, pois, abrange os mecanismos de interação social, que permitem ao homem ser ativo em relação ao ambiente externo. No entanto, quando comprometida, denota como se o sujeito não pertencesse a este mundo. De acordo com Lemos; Salomão; Ramos (2014), o autismo infantil consiste em um transtorno do desenvolvimento de etiologias múltiplas, definido de acordo com critérios eminentemente clínicos. As suas características afetam os indivíduos em diferentes graus nas áreas de interação social, comunicação e comportamento. Atualmente, utiliza-se o termo transtorno do espectro autista (TEA) tendo em vista as particularidades referentes às respostas inconsistentes aos estímulos e ao perfil heterogêneo de habilidades e prejuízos.

Tendo o diagnóstico do TEA confirmado, é fundamental dar início ao tratamento, realizado por uma equipe multidisciplinar capacitada para desenvolver intervenções terapêuticas com a finalidade de melhorar a qualidade de vida dos seus portadores. A fisioterapia foi inserida dentre as terapêuticas com a finalidade de ampliar esse propósito, viabilizando melhorias motoras e mentais. Assim, a equipe multidisciplinar ideal deve ser composta por fonoaudiólogos, psicólogos, psiquiatras, educadores físicos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas (FERREIRA *et al.*, 2016).

São diversos métodos de reabilitação encontrados hoje na literatura que visam a favorecer a autonomia do indivíduo com TEA frente a uma sucessão de comportamentos que são exigidos para a convivência social. De modo geral, indivíduos com TEA acabam influenciando na dinâmica estrutural e funcional da família, cabendo salientar a importância da orientação aos pais em relação às vantagens e desvantagens relacionadas a cada tratamento, pois cada pessoa com TEA é única e o que pode funcionar para um pode não ter êxito para outro. Outros fatores relevantes a serem observados no tratamento/ acompanhamento da pessoa com TEA são os limites e os recursos financeiros de cada família (MALHEIROS, 2017) e o acesso desta a serviços públicos de saúde que ofereçam orientação e acompanhamento adequados.

A escolha do tratamento adequado é de extrema importância, pois o TEA acompanha o indivíduo por todo seu período de vida. Assim como qualquer indivíduo, a pessoa com TEA é única dentro da sua singularidade e os resultados desse tratamento serão variáveis, conforme o nível de comprometimento e da interatividade de cada indivíduo. Por isso, não existem métodos únicos ou engessados que possibilitem um desenvolvimento regular em todos, independentemente de gênero ou idade cronológica. Diante disso, surge a questão norteadora deste estudo: Como o fisioterapeuta poderá contribuir para o tratamento do paciente com transtorno do espectro autista?

A presente pesquisa bibliográfica e de natureza qualitativa, portanto, desenvolvido considerando um material científico já publicado. Gil (2008) afirma que a pesquisa bibliográfica é um processo que envolve diversas etapas como: a escolha do tema, o levantamento bibliográfico preliminar, a formulação do problema, a elaboração do plano provisório de assunto, a busca de fontes, a leitura do material, o fichamento, a organização lógica do assunto e a redação do texto. Dessa forma, este tipo de pesquisa é bastante estruturada e segue etapas lógicas para facilitação do seu desenvolvimento. Para a realização deste estudo realizou-se consultas a livros, revistas e artigos científicos e monografias sobre a temática pesquisada. Tal levantamento fomenta a realização desta pesquisa que tem como objetivo geral apresentar a importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista e, como objetivos específicos, refletir sobre a contribuição do profissional de fisioterapia para o tratamento deste e conhecer as técnicas e atividades desenvolvidas pelo fisioterapeuta para favorecer o desenvolvimento físico e intelectual de pessoas com TEA.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A fim de discutir acerca das contribuições da fisioterapia para o tratamento do portador do TEA e conhecer as técnicas desta profissão favoráveis ao desenvolvimento físico e intelectual de pessoas com TEA, serão abordados neste estudo questões pertinentes ao TEA e a reabilitação; a facilitação da inclusão social das pessoas com TEA partir da intervenção multidisciplinar e, por fim, a contribuição do fisioterapeuta para o tratamento do transtorno do espectro autista.

2.1 Autismo e a Reabilitação

De acordo com Onzi e Gomes (2015), o autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados, tendo como principal característica o fechamento em si mesmo, a pouca interação social. O TEA é considerado um transtorno que vai além da sua complexidade, distante de ser definido com exatidão, pois, não existem meios pelos quais se possa testá-lo, muito menos medi-lo. Nesta mesma direção, as pesquisas realizadas atualmente estão distantes no sentido de apresentarem a “cura” para o TEA. Entretanto, há terapêuticas que contribuem para redução das manifestações sintomatológicas e maior inclusão das pessoas com este diagnóstico por todo seu ciclo vital.

Reis *et al.* (2019) relatam que o TEA é uma condição que tem início precoce e cujas dificuldades tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua vida, ocorrendo uma grande variabilidade na intensidade e forma de expressão da sintomatologia nas áreas que definem o seu diagnóstico. Atualmente, o TEA é compreendido como uma síndrome comportamental complexa que possui etiologias múltiplas e com diferentes níveis de comprometimento ao desenvolvimento da criança, interferindo, principalmente, na comunicação.

Rocha *et al.* (2019) afirmam que devido aos sintomas estarem presentes antes dos 3 anos de idade, dependendo da gravidade do comprometimento, é possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de vida. O diagnóstico precoce do TEA torna-se importante para que haja um direcionamento ao tratamento mais adequado as necessidades identificadas, com técnicas e terapias para estimular a criança. A natureza dimensional desse conjunto de condições que fazem parte do espectro, e as

controvérsias em relação ao diagnóstico diferencial entre elas, é uma realidade complexa que engloba vários conceitos distintos, mas que sempre se cruzam em determinados pontos, conforme apresentado no documento do Ministério da Saúde que estabelece diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do espectro autista.

A oferta de tratamento nos pontos de atenção da Rede de Cuidados à Saúde da Pessoa com Deficiência constitui uma importante estratégia na atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo, uma vez que tal condição pode acarretar alterações de linguagem e de sociabilidade que afetam diretamente - com maior ou menor intensidade - grande parte dos casos, podendo ocasionar limitações em capacidades funcionais no cuidado de si e nas interações sociais. Tal situação pode demandar cuidados específicos e singulares de habilitação e reabilitação, diante de necessidades diferentes ao longo de suas diferentes situações clínicas (BRASIL, 2014, p.63).

São diversos métodos de reabilitação encontrados hoje na literatura que visam a favorecer a autonomia do indivíduo com TEA, frente a uma sucessão de comportamentos que são exigidos para a convivência social com o outro. De modo geral, indivíduos com TEA acabam influenciando na dinâmica estrutural e funcional da família, cabendo salientar a importância da orientação aos pais em relação às vantagens e desvantagens relacionados a cada tratamento (REIS *et al.*, 2019).

2.2 Inclusão Social do Autista: possibilidades a partir da intervenção multidisciplinar

A realidade das pessoas que possuem TEA e de seus familiares constitui-se de diversos desafios, dentre eles a sua inclusão social. Na ótica de Monteiro (2015), a escola é um espaço de interação social que se constitui num meio sociocultural fundamental à constituição dos sujeitos. A inclusão de educandos com deficiências nesses espaços relaciona-se à criação de um ambiente pautado pela valorização da diversidade, procurando se adequar às necessidades de todos os estudantes. Entretanto, a exclusão social de pessoas com TEA tem início desde a infância, já que nem sempre a escola cumpre com seu papel de inclusão, adaptação e valorização daqueles que apresentam condições e necessidades diferentes do padronizado socialmente. Ainda hoje, muitas crianças não frequentam escolas regulares e muitas daquelas que estão matriculadas enfrentam diversas barreiras diárias. A intervenção multiprofissional no cotidiano escolar, portanto, visa a superação dessas barreiras, principalmente as atitudinais, as quais se expressam por meio de preconceitos, estigmas e mitos que atuam sobre as pessoas com deficiência, marcando suas trocas sociais negativamente.

A inclusão escolar é uma das políticas que tem promovido, nas últimas décadas, a escolarização de todos os alunos. Os documentos internacionais e a legislação brasileira tiveram contribuições importantes para difundir o conceito e normatizar as práticas inclusivas no ensino regular, na educação especial e nas instâncias públicas e privadas.

Recentemente, no entanto, o Decreto 10.502, de 30 de setembro de 2020, que institui a Política Nacional de Educação Especial, estabelece, dentre outras medidas, a abertura de escolas especializadas para o atendimento educacional daqueles considerados não ter benefícios no desenvolvimento quando inseridos em escolas regulares.

O Decreto 10.502/2020 da nova PNEE trata a Educação Especial a partir de paradigmas superados relativos a integração e isolamento. Ninguém é contra que os estudantes com deficiência tenham, por exemplo, no contra turno, aulas em instituições específicas, entretanto, privar ou limitar o vivenciar de experiências coletivas com crianças diferentes (ditas normais) e de conviver com outras pessoas diversas e diferentes parece priorizar que a criança com TEA, ou com outras deficiências e/ou necessidades tenha seus espaços relacionais limitados e restritos ao foco em suas condições específicas. De acordo com a Comissão de Proteção aos Direitos da Pessoa com Deficiência (2020) este decreto desrespeita, entre outros documentos legais, a Convenção Internacional Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, incorporada à Constituição do Brasil e o Estatuto da Pessoa com Deficiência, pois, todos estabelecem o direito à plena inclusão e asseguram a necessidade de sistema educacional inclusivo em todos os níveis.

Art. 58 O direito à educação e a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com igualdade de oportunidades, foi reconhecido pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (art. 24), com status constitucional, e pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (art. 28). Está também em consonância plena com a Lei nº 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei n. 9.394/96, esclarece que a educação especial é a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação" (COMISSÃO DE PROTEÇÃO AOS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA da OAB-AM, 2020).

A nova política caminha, portanto, contra inúmeros dispositivos legais existentes na legislação brasileira. O documento publicado contraria todos os esforços empreendidos por diversos grupos de pessoas com deficiência e suas famílias, bem como o de organizações de pessoas com deficiência, a fim de que em nosso país, os estudantes público alvo da Educação Especial não sofressem discriminação e violação de seus direitos, conforme a PNEEPEI. Nesta direção, Barbosa; Fumes (2017), descrevem que para que a inclusão ocorra, é preciso que se rejeitem, de qualquer forma, as atitudes discriminatórias, pois a prática preconceituosa ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

Apesar da condição da criança com TEA atingir todo o grupo familiar, geralmente a figura materna é a mais envolvida no cuidado ao filho. A mãe assume a rotina dos cuidados, das visitas aos profissionais e serviços de saúde, das medicações e de cuidados domiciliares como alimentação e higiene. Dessa forma, o cuidador passa a viver em função do filho, estando suas ações voltadas primeiramente para às necessidades da criança. O fato de ser a mãe a figura mais envolvida, esta enfrenta também muitos preconceitos para incluir seu filho na sociedade, podendo desenvolver uma frustração e uma superproteção ao ponto de deixá-lo recluso a casa (MAGALHÃES, 2019).

No processo de tratamento e reabilitação da pessoa com TEA muitos são os profissionais que atuam, favorecendo o desenvolvimento e a inclusão. Dentre estes, além do pedagogo, destaca-se a atuação do fonoaudiólogo, psicólogo, médico, educador físico e do fisioterapeuta.

A colaboração entre o fonoaudiólogo e os cuidadores de crianças com TEA é uma importante parceria. Considerando a linguagem como principal mediador social, este profissional atua diretamente no desenvolvimento da fala e na forma da pessoa

com TEA interagir com outras pessoas. Em geral, os membros da família são as pessoas mais próximas e que estão engajadas com a criança nas atividades diárias. Assim, considerar a percepção dos mesmos para compreender a perspectiva de funcionamento comunicativo da criança é também incluir os espaços e contextos familiares (BALESTRO; FERNANDES, 2019).

Profissionais da psicologia, além da avaliação psicológica de crianças com TEA, a fim de verificar estágios e condições afetivas, cognitivas, relacionais e da linguagem, desempenham um papel central na assistência direta à criança, assim como na orientação e suporte aos pais. Não existe uma abordagem única e determinante para o tratamento de todas as pessoas com TEA, já que as intervenções são complementares e devem ser realizadas concomitantemente, levando em conta as necessidades específicas de cada criança.

Por outro lado, existem intervenções com comprovada evidência de eficácia e, portanto, devem ser, em princípio, oferecidas para essa população, podendo ser classificadas em: intervenção precoce estruturada; intervenção para minimizar problemas comportamentais; e intervenção medicamentosa. Esta última, realizada por médicos (PAULA; BELISÁRIO FILHO; TEIXEIRA, 2016).

O trabalho clínico psiquiátrico abre possibilidades para que cada um possa construir laços sociais, sorver a celebração de viver e contribuir para uma sociedade humana. O que interessa é que a pessoa com autismo usufrua da vida com todas as suas potencialidades, com um futuro em que há caminhos a escolher e percorrer. Este profissional contribui para ampliação do acesso e a qualificação da atenção às pessoas com TEA e suas famílias. Trabalha com a perspectiva da linha de cuidado e tratamento, reafirmando os princípios ético-técnico-políticos, subsidiando a definição de estratégias para ação, incluindo a atenção básica de saúde (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2016).

O educador físico adapta atividades à educação que envolvem modificações ou ajustamentos das atividades tradicionais da Educação Física para permitir às crianças com deficiências participar com segurança de acordo com suas capacidades funcionais. As atividades propostas devem além de melhorar a integração social, diminuir padrões estereotipados e melhorar a concentração (LOPES, 2016).

A fisioterapia é uma das áreas da saúde que atua desde a prevenção até o processo de reabilitação, sendo um campo de atuação profissional que tem se ampliado consideravelmente nos últimos anos. O exercício do fisioterapeuta em escolas e creches é assegurado pelo código de ética profissional e, no processo de inclusão de escolares com necessidades educativas especiais, se faz de fundamental importância. Como ciência que trata de distúrbios do movimento humano, a fisioterapia utiliza conhecimentos e recursos próprios para promover, aperfeiçoar ou adaptar o indivíduo a melhoria da qualidade de vida (FERNANDES; SOUZA, 2020).

2.3 Contribuição do Fisioterapeuta para o tratamento do portador de Transtorno do Espectro Autista

Segundo Dutra (2018), é muito importante que o Fisioterapeuta atuante na terapia da criança com TEA seja um bom conhecedor da patologia e de suas técnicas terapêuticas. A função do Fisioterapeuta no acompanhamento desse paciente relaciona-se com o trabalho voltado para o desenvolvimento motor e, posteriormente a ativação das áreas da concentração e da interação social.

Farias *et al.* (2020) descrevem em seu estudo que as manifestações clínicas são muito precoces, sendo evidentes, na maioria dos casos, antes dos dois anos de

idade. Muitas vezes confundido com outras síndromes, esse transtorno apresenta-se com algumas características marcantes como: ausência de contato com a realidade externa e dificuldade na interação social; prejuízos na comunicação e distúrbios da linguagem; padrões restritos e repetitivos de comportamento e necessidade de manter inalterado o ambiente habitual.

Para tanto, o fisioterapeuta poderá fazer uso da psicomotricidade atuando em diversos fatores psicomotores que correspondem às funções ligadas às atividades complexas, como o tônus, o equilíbrio, a lateralidade, a noção do corpo, a estruturação espaço-temporal, a práxis global e a práxis fina.

Montenegro *et al.* (2019) relatam que crianças com diagnóstico tardio de transtorno autista apresentaram problemas no padrão motor.

O termo Psicomotricidade tem como significado a capacidade de determinar e coordenar mentalmente os movimentos corporais; a atividade ou conjunto de funções motoras. A atividade da criança é elementar e suas primeiras manifestações de comportamento são essenciais, dando início na ordem motora e, por fim, passam a ser a ordem mental (SANTOS; VIEIRA, 2017).

A Fisioterapia pode atuar na criança com Transtorno do Espectro Autista na ativação dos níveis sensorial e motor, buscando melhorar a concentração, a memória e as habilidades motoras, como a coordenação e o equilíbrio. O papel da Fisioterapia é importante, pois ajuda no desenvolvimento motor da criança, trazendo a melhora da qualidade de vida (FERNANDES; SOUZA; CAMARGO, 2020).

O fisioterapeuta dispõe de diversas técnicas de tratamento para tratar a pessoa com TEA, uma delas é a Equoterapia. Na fisioterapia, o uso da Equoterapia tem o objetivo de reabilitar, prevenir e desenvolver melhor seu estado atual por meio da terapia do cavalo. O movimento tridimensional e multidirecional nos pacientes portadores desta deficiência desenvolve uma melhor percepção no humor e sociabilidade para com outras pessoas (NUNES; CABERLON, 2018).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura acerca da importância do fisioterapeuta no tratamento do portador do transtorno do espectro autista possibilitou identificar a necessidade primeira de o profissional estabelecer um bom vínculo e um tipo de comunicação que irão permitir melhor desenvolvimento da criança com TEA.

No processo de tratamento e cuidado é necessário ofertar à criança instrumentos que estimulem o seu desenvolvimento por meio do prazer de viver seu corpo nas mais variáveis relações e desenvolver novos movimentos e habilidades sem a presença de estereotípias.

Apesar de poucas literaturas relacionadas ao trabalho do fisioterapeuta no tratamento do TEA o estudo possibilitou evidenciar a importância do diagnóstico precoce, do trabalho multiprofissional e da intervenção por meio da fisioterapia visando o desenvolvimento de habilidades motoras, tais como dificuldades para sentar, andar, correr e pular, facilitando a comunicação corporal, a integração e a inclusão social da criança com TEA

O trabalho da fisioterapia também atuará, quando necessário, nas crianças com falta de tônus muscular, no equilíbrio e na coordenação.

O trabalho integrado entre profissionais de fisioterapia e outros profissionais da saúde e da educação irá cumprir com princípios éticos, profissionais e sociais direcionados a promoção da saúde, a educação, ao desenvolvimento, a inclusão social e a cidadania.

REFERÊNCIAS

- BALESTRO, J. I.; FERNANDES, F. D. M. Percepção de cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo quanto ao perfil comunicativo de seus filhos após um programa de orientação fonoaudiológica. **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2019.
- BARBOSA, M. O; FUMES, N. L. F. Atividade docente e reflexões no atendimento educacional especializado para estudantes com transtorno do espectro autista. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 14, n. 35, P. 169-193.2017.
- BRASIL. M.S. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde. 86 p. 2014.
- COMISSÃO DE PROTEÇÃO AOS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA da OAB-AM repudia decreto que instituiu a Política Nacional de Educação Especial. **OAB Amazonas**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=o+Decreto+10.502%2C+de+30+de+setembro+de+2020%2C+que+institui+a+Pol%C3%ADtica+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+Especial&oq=o+Decreto+10.502%2C+de+30+de+setembro+de+2020%2C+que+institui+a+Pol%C3%ADtica+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+Especial&aqs=chrome..69i57.1303j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8#>. Acesso em: 13 set. 2020.
- DUTRA, S. S. **Tratamentos terapêuticos em crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA)**: Revisão literária. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Fisioterapia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24433>. Acesso em: 13 set. 2020.
- FARIAS, T. M. C. *et al.* Conhecimento, práticas e atitudes sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na educação e na saúde: uma revisão. **MEMNON EDIÇÕES CIENTÍFICAS LTDA.**, 37.2020.
- FERNANDES, C. R.; SOUZA, W. Á. A. A.; CAMARGO, A. P. R. Influência da fisioterapia no acompanhamento de crianças portadoras do TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA). **Hígia-revista de ciências da saúde e sociais aplicadas do oeste baiano**, 5 (1).2020.
- FERREIRA, J. T. C. *et al.* Efeitos da fisioterapia em crianças autistas: estudo de séries de casos. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 16, n. 2, 2016.
- GIL; A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**, Editora Atlas, S.P. 6ª edição.2008.
- LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; RAMOS, C. S. A. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, p. 117-130. 2014.
- LOPES, G. F. M. **Situações do cotidiano e atividades de vida diária**: grupo terapêutico com crianças autistas. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização

em Linhas de Cuidado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167319>. Acesso em: 10 set. 2020.

MAGALHÃES, L. S. R. **Indicadores de evolução do desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro do autismo em um serviço especializado em reabilitação intelectual**. Tese (Mestrado em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente) – Universidade Federal de Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em:
<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45878>. Acesso em: 10 set. 2020.

MALHEIROS, G. C. Benefícios da intervenção precoce na criança Autista. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, v. 12, n. 1, p. 36-44, 2017.

MONTEIRO, M. C. M. **A inclusão de crianças com autismo: um estudo das suas dificuldades e avanços no âmbito escolar municipal de Campina Grande-PB**. Monografia (Curso de Serviço Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

MONTENEGRO, K. S. *et al.* Avaliação do conhecimento de residentes e acadêmicos de fisioterapia e terapia ocupacional sobre detecção precoce do autismo. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, (36), e1993-e1993.2019.

NUNES, A. P.; CABERLON, C. F. A percepção dos pais quanto ao tratamento de equoterapia. **Revista Inspirar Movimento & Saúde**, n. 2, 2018.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015.

PAULA, C. S.; BELISÁSIO FILHO, J. F.; TEIXEIRA, M. C. T. V. Estudantes de psicologia concluem a graduação com uma boa formação em autismo? **Psicologia: teoria e prática**, v. 18, n. 1, p. 206-221, 2016.

REIS, D. D. L. *et al.* Perfil epidemiológico dos pacientes com Transtorno do Espectro Autista do Centro Especializado em Reabilitação. **Pará Research Medical Journal**, 3(1), 0-0.2019.

ROCHA, C. C. *et al.* O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 29, e290412. 2019.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. **Compêndio de Psiquiatria-: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. Artmed Editora, 2016.

SANTOS, L. F.; VIEIRA, T. C. Estudo das Principais Contribuições da Fisioterapia em Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) diagnosticados. **IV Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG**. v. 4. 2017. Disponível em:
<https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/10549>. Acesso em: 06 set. 2020.

AGRADECIMENTOS

À Josevânia, coordenadora do curso de Especialização, por todos os ensinamentos e dedicação a toda turma.

À professora Carla Brandão pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Jusineide Ancelmo Miranda, meus filhos Guilherme Almeida, Gabriel Almeida e meu esposo Raul Almeida Neves pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares e que sempre foram presentes ao meu lado, dando-me forças.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, que contribuíram ao longo desses meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

A secretária da UEPB, Jailda Albuquerque, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.